

Textos, Leitura e Memória:
estudos sobre interpretação
textual

TEXTS, READING AND
MEMORY: studies on textual
interpretation

*Maria Felícia Romeiro Mota Silva (Dra.)**



Imperatriz (MA), v. 1, n. 1, p. 49-59, jul./dez. 2019

Recebido em: 02 de julho de 2019
Aprovado em: 03 de outubro de 2019

RESUMO

Através de nossa vivência e relação com o mundo, armazenamos informações que nos são úteis para a leitura dos mais diferentes tipos de textos. O que torna uma produção textual compreensível não é apenas o seu vocabulário, mas a representação da realidade compartilhada pelos agentes autor e leitor tanto nos aspectos da temática proposta, quanto nos estruturais. Nesse processo cognitivo, há um rastreamento de protótipos e um levantamento de variáveis e hipóteses para que a compreensão de um texto se dê de maneira satisfatória. Este artigo de revisão toma por base os estudos da Linguística Textual e tem por objetivo discutir o papel da memória para a compreensão de textos e aquisição de conhecimentos.

Palavras-chave: Leitura. Textos. Memória. Compreensão. Conhecimento.

ABSTRACT

Through our experience and relationship with the world, we store information that is useful to read the most different types of texts. A textual production is comprehensible not only due to its vocabulary; it also includes the representation of the reality shared by the agents - author and reader - both including the proposed theme and structural aspects. In this cognitive process, one tracks prototypes and survey variables and hypotheses so that the comprehension of a text is satisfactory. This review paper is based on Textual Linguistics studies and aims to discuss the role of memory in text comprehension and knowledge acquisition.

Keywords: Reading. Text. Memory. Understanding. Knowledge.

* Graduada em Letras e Especialista em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado da Bahia UNEB; Mestra e Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília UnB; Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB. E-mail: maria.silva@ufob.edu.br.

Introdução

Tudo que se vê, ouve e sente é material para o autor na elaboração textual; também para o leitor, os elementos que são construídos a partir da sua experiência individual são imprescindíveis para a compreensão e análise do texto. No momento da leitura, ocorre a inteiração entre o mundo do produtor e o do receptor da mensagem, em um processo dialógico de produção e troca de conhecimentos.

Segundo Marcuschi (1988), a produção textual consiste em produzir propostas de sentido que não são estáticas ou únicas. Assim, entende-se que os textos variam de acordo com o contexto social e histórico de cada indivíduo. O sentido irá depender do contexto que é aplicado e das relações entre as pessoas através do tempo e do espaço. Nesse aspecto, pode-se considerar que a memória assume um papel muito importante nesse processo.

O presente estudo dividir-se-á em três partes: a primeira constituída de um parecer geral sobre *Texto, Leitura e Memória*; a segunda apresenta uma classificação dos *Níveis de Memória*; e, por fim, uma *Análise do Processamento Textual* é apresentada na terceira parte, tendo por base as teorias apresentadas ao longo do artigo.

É importante ressaltar que não trataremos aqui com profundidade de casos específicos de distúrbios cerebrais patológicos ou traumáticos no que diz respeito à memória. A proposta desta pesquisa se pauta em discutir o papel da memória para a compreensão de textos e aquisição de conhecimentos e em compreender como se dá o processamento textual. Vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica aqui apresentada não será nem superficial, nem exaustiva, mas abordará os aspectos mais relevantes quanto à textualidade e sua produção.

Texto, Leitura e Memória

O texto é uma ponte de conhecimento e troca de ideias e é através dos discursos, nele contidos, que as relações entre os sujeitos e o mundo se intensificam. Partindo desse conceito, entende-se que a leitura é um ato social que move autor e leitor por meio de um diálogo a distância.

A compreensão de um texto é de responsabilidade mútua, pois o autor deve construir um texto coeso e coerente, além de deixar pistas contextuais para que o leitor perceba sua intenção; o leitor, por sua vez, buscará recuperar o sentido do texto através da interpretação que realiza de acordo o seu repertório de conhecimento, como defende Kleiman (2002). Para que essa dinâmica ocorra de maneira

satisfatória, a materialização da ideia, que é o texto, deve ser significativa para ambas às partes (KLEIMAN, 2002).

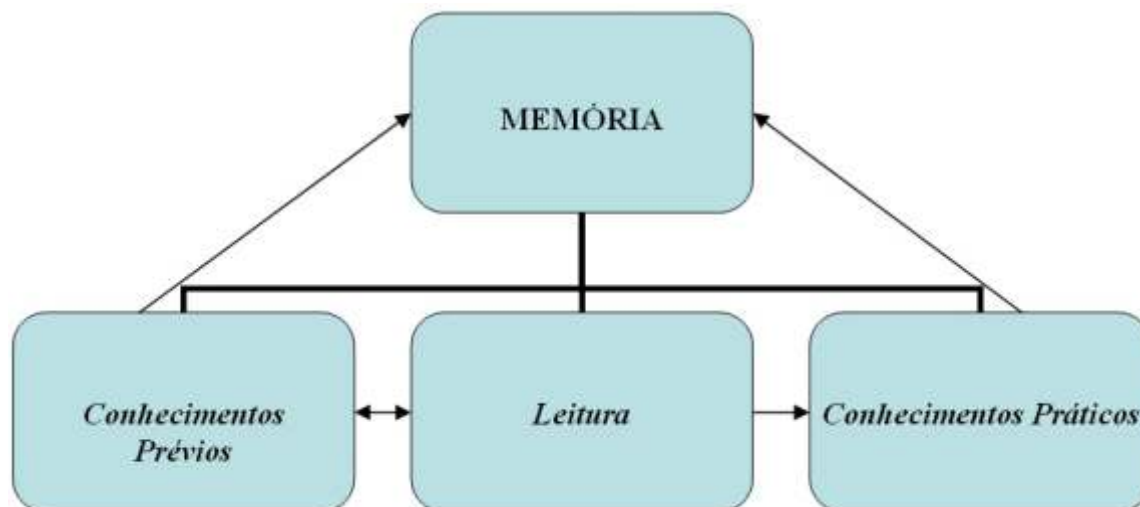
Beaugrande (1997, p. 10) define texto com “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.” Para esse autor, a construção de sentido textual ocorre em situações interativas por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos. Assim, o que permite tornar o texto significativo ou não é o conhecimento que os interlocutores têm em comum. Sobre esse ponto, Koch (2003) afirma que, se os leitores forem capazes de reconstruir o texto a partir dos elementos que têm na memória, eles afirmarão que há coerência no texto, de forma que a compreensão se torna subjetiva e variável.

A mente humana, através da memória, adquire, armazena, retém, evoca, e transmite várias informações em milésimos de segundos. Esse processo cognitivo permite ao ser humano representar mentalmente aquilo que o cerca. É uma atividade complexa, pois não se caracteriza apenas pela denominação das ações, seres e objetos, mas também pelo desenvolvimento de habilidades para operar situações, conteúdos e contextos, além de compartilhá-los no convívio social. Essa máquina mental possui um apurado sistema de apreensão e processamento de informações, o que torna o ato da leitura uma atividade intertextual que envolve ideias e palavras (KOCH, 2003).

De acordo com Kleiman (2002), para haver assimilação de uma representação textual, faz-se necessário acessar a memória mobilizando conhecimento linguístico, estrutural e enciclopédico; além de analisar os aspectos implícitos e contextuais e as relações estabelecidas pelos assuntos com o mundo real; e ainda demonstrar domínio afetivo (interesse, atitude, empenho, proximidade etc.) em relação ao texto. Vale ressaltar que não estar predisposto à leitura torna mais difícil e dolorosa a compreensão textual, o organismo toma a informação como algo nocivo, uma vez que ela está sendo rejeitada pelo sujeito. Entretanto, quando o sujeito se mostra aberto a determinado texto, a interpretação ocorrerá de maneira satisfatória, e ele terá condições de relacionar os dados fornecidos com os seus conhecimentos prévios armazenados em sua memória de longo prazo. Além disso, um montante de outros conhecimentos tende a fluir de maneira mais prazerosa.

O momento da leitura não corresponde somente ao instante da decodificação textual. Ele se expande por todo o processo de compreensão que a antecede, vai buscar, através de inferências, as possibilidades de sentido e se prolonga, no aspecto funcional, tornando-se significativo no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, constitui uma representatividade na memória.

Assim temos:



Fonte: elaborado pelo autor.

Dessa forma, o momento da leitura se expande no antes (conhecimento prévio), no durante (co-texto) e no depois (utilidade prática). A produção de sentido no texto é determinada pelas relações socialmente construídas e dos conhecimentos cognitivos compartilhados. Mesmo sendo uma expressão coletiva, o entendimento ocorre de maneira peculiar e particular a cada sujeito a depender dos seus níveis de conhecimento.

Kleiman (2002) esclarece que, para que haja assimilação textual, o leitor cria estratégias, levanta possibilidades, prognostica temas e, ao fazer isso, está também construindo o sentido do texto a partir de sua interpretação. É na lista das possibilidades, acessadas a partir da ativação dos conhecimentos pré-existentes, que o todo se compõe. Desse modo, estabelece a seguinte ordem: *predição, testagem, confirmação ou refutação*. Esse processo enriquece a memória e aumenta e reformula os conhecimentos armazenados, além de construir coerência a partir da inteiração sociocomunicativa em seus aspectos: semântico (coerência), formal (coesão) e pragmático (intenção, aceitação, contexto, informação, aproximação e intertextualidade).

Não há um único processo de leitura e nem uma área mental isolada em uma parte isolada do sistema nervoso responsável pela atividade mnêmica, apesar de haver áreas específicas responsáveis pela linguagem e pela aprendizagem. Há sim, a ativação de vários processos neurais, distribuídos por todo o córtex cerebral em busca de informações, com vários pulsos elétricos advindos de diversas partes do cérebro, que se mostram ativas nessa busca. Mesmo quando uma determinada área é impedida de exercer sua função, outra é solicitada para suprimir essa carência a essa

habilidade de adaptação, dá-se o nome de flexibilidade ou plasticidade (GARDNER, 1994).

Gardner (1994) expõe que a nossa comunicação linguística ocorre por um processo complexo e depende de entrada e saída contínua de informações, as quais estão armazenadas em áreas dispersas do cérebro. O autor afirma que a compreensão da estrutura dos processos sintáticos, por exemplo, localiza-se na parte esquerda do cérebro (Área de Broca); já o sistema semântico e as funções pragmáticas da linguagem estão no hemisfério direito, onde também estão localizadas a imaginação, a criatividade e a capacidade de síntese. A partir de seus estudos, o pesquisador conclui que a aptidão para lidar com os mais diferentes tipos de informação, aliadas à capacidade de raciocínio e à memória, auxilia o ser humano em sua sobrevivência.

O processamento, a análise, o armazenamento e a checagem de informações ocorridas na memória e acionadas no momento da leitura da realidade circundante constituem, portanto, um sistema emblemático. Essa faculdade de aprendizagem permite aos seres humanos significar o mundo e recriá-lo, exprimir pensamentos e emoções, transcender situações concretas, refletir ideias e projetar o futuro.

Os Níveis de Memória

Aprender consiste em adquirir novas estruturas simbólicas e reavaliar conceitos. Além disso, é através do processo mnemônico de processamento que os seres humanos estão predispostos a desempenhar operações intelectuais, tais como utilizar diferentes maneiras para se comunicar, por meio de variados processos de linguagem.

O cérebro humano está repleto de informações captadas pelos sentidos. No ato de lembrar algo, são acessadas várias informações relevantes arquivadas. Áreas cerebrais específicas são responsáveis por essa decisão inconsciente, de selecionar, reformular e armazenar o pensamento do qual emerge a consciência em forma de traços de memória.

O limite de amplitude da memória em relação ao tempo se classifica em:

- Memória Sensorial ou Imediata;
- Memória Primária ou Memória de Curto Prazo (MCP);
- Memória de Longo Prazo (MLP) - (Secundária e Terciária).

A *Memória Sensorial* (MS) está relacionada ao primeiro estímulo provocado pela informação recebida, ao ponto de chegada percebido pelos sentidos (visão, tato, paladar e olfato). Seus conteúdos não duram muito tempo, cerca de 250 milésimos de

segundos¹ (KOCH, 2003). Segundo Smith (1999), o cérebro utiliza informações já armazenadas (o não visual) para decodificar e atribuir sentido às informações recebidas (o visual).

O segundo estágio envolve o processamento funcional de informações que dura alguns segundos, minutos ou enquanto o indivíduo estiver trabalhando sobre determinada leitura, atuando em dados verbalmente decodificados. Mesmo quando lemos com muita atenção um parágrafo de um texto escrito com aproximadamente cinco linhas, por exemplo, não conseguimos imediatamente repetir com exatidão todas as palavras da sequência, mesmo quando conseguimos depreender o assunto. A *Memória de Curto Prazo* (MCP), apesar da capacidade limitada, possui um sistema de recuperação imediato e um *input* muito rápido. Catania (1999) considera a MCP uma ampliação da memória imediata.

Das informações que uma pessoa recebe diariamente, somente 1% é arquivado na *Memória de Longo Prazo*² (MLP) (BRANDÃO, 1991). Este tipo de memória pode ser subdividido em Secundária, de duração variável minutos, semanas, anos e Terciária, de duração “permanente”³, responsável pelo armazenamento de informações essenciais relativas às funções básicas do cotidiano (falar, comer, correr, ler, andar, escrever e outros).

A conversão da MCP em MLP denomina-se *Consolidação*. Esse processo se dá à medida que a MCP é ativada repetidamente (ensaio). Na leitura periódica que o sistema faz de uma informação, são acrescentados dados novos à informação inicial, o que permitirá a reflexão dos conceitos e a construção das representações simbólicas. Através da consolidação da memória, retemos uma pequena parcela de informação que julgamos importante.

Guyton (1997) registra que as informações novas que atraem a atenção do indivíduo têm uma tendência natural de se apresentarem repetidas vezes em sua mente. O mesmo conteúdo reproduzido através de diferentes formas de interpretações gera a consolidação do conhecimento. O autor ainda afirma que a MLP constitui um sistema organizado e complexo de conhecimentos que vem à consciência uma vez acionada a busca. Ele também chama a atenção para o fato de que sobrecarregar esse sistema não leva a uma aprendizagem satisfatória, mas sim a memorizações exaustivas e inúteis.

¹ KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

² BRANDÃO, Marcus L. Brandão. *As Bases Fisiológicas do Comportamento*. São Paulo: Atheneu, 1991.

³ Alguns autores utilizam o termo permanente embora reconheça que se as áreas do cérebro específicas, como por exemplo, áreas referentes à linguagem, sofrerem quaisquer danos às informações armazenadas podem ser perdidas.

A memória é, portanto, a responsável pela linguagem. Os processos cognitivos que envolvem o acionamento de informações e conhecimentos nos possibilitam interagir e realizar ações do cotidiano e compreendê-las. No que diz respeito à memória de longo prazo, existem outras subclassificações que analisam o tipo de informação e o que pode ser lembrado. Algumas constam no indivíduo como um traço genético, como por exemplo, a atividade sexual, e outras são adquiridas socioculturalmente, como redigir um texto. Enumeramos aqui alguns tipos de memória de longo prazo, tomando por base os conceitos estudados por Catania (1999):

- **Memória de Procedimento** armazena informações operacionais, ou seja, o passo a passo “*de como se faz*”, “*como é*”. Pode-se considerar como exemplo: dirigir um carro, utilizar um computador, preparar um bolo, operar um caixa eletrônico. Para a realização dessas atividades, temos em nossa memória uma espécie de manual que nos permite a realização dessas e de outras atividades;
- **Memória de Habilidades** associada às atividades motoras como andar, comer com talheres, pegar e/ou lançar objetos, entre outras. Essa memória está relacionada com as habilidades que os indivíduos têm para a realização de determinadas tarefas. Assim, em uma sala de aula, por exemplo, andamos até uma carteira e sentamos, ouvimos o professor e os colegas, olhamos para a lousa e escrevemos muitas anotações em nosso caderno. As pessoas executam todos esses movimentos de uma maneira tão corriqueira que não se dão conta de quantos processos mnemônicos são ativados para efetuar essa atividade;
- **Memória Declarativa** está relacionada à recordação de fatos, ao “*saber o que é*”. O lembrar traz à tona detalhes importantes de uma rede de pensamentos significativos. Exemplificando, ao mencionar *11 de setembro de 2001*, dados importantes são trazidos pela memória que se relacionam com essa data (caso a pessoa saiba do que se trata). Todas estas informações: Torres Gêmeas, EUA, Bush, Bin Laden, Al Qaeda, terroristas, aviões, Pentágono, poder, vingança, horror, bombeiros, pessoas mortas, feridas, desaparecidas são relacionadas à manchete de jornal “*Os Estados Unidos sofrem atentado terrorista. Al Qaeda assume autoria*” e os conhecimentos que temos sobre o assunto vêm ao consciente.

- Memória Autobiográfica ou Episódica envolve acontecimentos do cotidiano relacionados com as vivências pessoais, tanto eventos corriqueiros como aqueles de grande carga emocional de cunho pessoal. Para diferenciar as memórias autobiográfica e declarativa, citamos o seguinte exemplo: as vítimas da tragédia do rompimento da barragem de Brumadinho-MG têm consolidadas na memória autobiográfica os momentos de horror vividos por elas e se emocionam ao relatarem a experiência; já as pessoas que acompanharam pela TV os acontecimentos terríveis, e não têm nenhuma relação direta com o episódio, armazenaram essas informações em sua memória declarativa.
- Memória Semântica ou Léxica Relacionada está relacionada às propriedades da linguagem, abrange as relações entre as palavras e as proposições e o significado dessas com o conhecimento sobre o mundo e as coisas. Assim, quando alguém lê um texto e se emociona com algo que encontra nele, por ter recordado de algo relativo ao seu passado, tem-se dados resgatados da memória autobiográfica; as informações sobre decodificação, temática abordada, tipologia textual e gênero discursivo e as relações de sentido, entre outras relacionadas à linguagem, ficam a cargo da memória semântica. É importante ressaltar que as memórias episódicas e semânticas são distintas, porém apresentam propriedades semelhantes, pois nos valem dos conhecimentos gerais para estruturar o conhecimento particular. Fica bem definida a diferença entre as memórias autobiográfica e semântica, por exemplo, nos casos de amnésia pós-traumática em que o paciente não se lembra de fatos de sua vida, mas consegue se expressar verbalmente.

Conforme os estudos de Koch (2003), a memória não pode ser considerada auxiliar do conhecimento, uma vez que é fundamental para a aquisição deste. Os “saberes” são adquiridos a partir da construção de sentido elaborados pela memória operacional. Todas as informações adquiridas e armazenadas na MLP se tornam subsídio para interpretação e apreensão de novas situações textuais, formando assim todo o repertório de conhecimento adquirido do indivíduo.

Na interpretação textual, as memórias são acionadas quase simultaneamente, pois, ao receber estímulos visuais (MS), realizamos a decodificação e as primeiras associações (MCP), mas, para que haja uma compreensão satisfatória em relação ao assunto, à temática e às relações teórico-práticas, se faz necessário buscar informações na MLP para correlacionar a novos dados.. Assim, a compreensão se dá

em vários níveis, o processamento e a retenção não ocorrem de maneira estanque, mas de modo que os três níveis centrais ajam interligados uns aos outros.

O Processamento Textual

O texto é palco onde atuam autor e leitor, que, apesar de afastados no espaço e no tempo, interagem por meio de mundos, conhecimentos e vivências. Ao interpretar um texto, não se deve apenas buscar aproximar a resposta de quem lê à do autor, pois, dessa forma, limita-se também a sua reflexão crítica acerca do que está sendo exposto. O leitor, no momento da interpretação, faz uso de seus conhecimentos para interagir com o texto, recompondo-o e fazendo inferências necessárias para desvelá-lo.

A produção de sentido de um texto ocorre à medida que se faz uso de uma série de atividades cognitivas para o seu processamento, que auxiliem na compreensão de normas complexas arquivadas na memória. Aquilo que é decodificado, interpretado e contextualizado está arquivado e passa a fazer parte dos conhecimentos prévios, o que muda de um indivíduo para o outro é a forma de expor esses conhecimentos. A representação do texto para cada sujeito é diferenciada, mesmo que em um grupo haja pontos comuns, pois a abstração do significativo condiz com a realidade histórica, social e cognitiva de cada um (CATANIA, 1999).

A estrutura semântica prevalece nas atividades de recuperação e entendimento de textos. Van Dijk (s.d.) afirma que as pessoas não conseguem reproduzir estruturas sintáticas de textos longos em sua totalidade, apenas selecionam algumas proposições que são adquiridas em sua memória. Essas “pistas de reconhecimento” serão utilizadas para a construção semântica do texto.

O referido autor também afirma que a interpretação de um discurso vai além da sentença, posto que as informações ali apresentadas estão integradas em proposições mais altas. Segundo ele, no processo de assimilação da estrutura abstrata do texto, estão envolvidos: a *compreensão*, a *armazenagem*, a *recuperação* e o *reconhecimento de estruturas complexas*. Na interpretação textual, têm-se expressões que remetem a informações que correspondem ao conhecimento cognitivo compartilhado e aos *frames*, que exercem funções e aos quais são atribuídos valores sociais (VANDIJK, s.d.).

Para a leitura ser mais significativa, é preciso que o leitor esteja envolvido com os elementos do texto (temática, vocabulário, estrutura textual e outros) e que ele consiga perceber e abstrair conhecimentos práticos sobre o que foi lido. A coerência do texto consiste em conferir sentido à temática e à realidade circundante e aos elementos que a constroem. Falar sobre um texto escrito é fazer uma leitura do

pensamento social, uma interpretação de um recorte da realidade representada.

Assim, a compreensão textual se faz de maneira eficaz quando o indivíduo tem armazenados em sua memória elementos que lhe permitem fazer as inferências necessárias para relacionar itens no texto e fora dele em um todo coerente. Sem os conhecimentos prévios do leitor, o entendimento da mensagem ficará truncado ou nulo. Dessa forma, é preciso que se faça uma monitoração consciente para aumentar o repertório de informações através da leitura. Quanto mais conhecimento diversificado o leitor tiver ativado em sua memória, maior será a compreensão de determinados assuntos.

Considerações Finais

O texto é uma unidade semântica cujos elementos constituintes de significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas e semânticas estruturais. A leitura envolve um complexo processo cognitivo, que ativa a memória desde o nível sensorial ao mais alto nível da monitoração consciente. O leitor precisa adaptar e renovar as informações constantemente para interpretar novos textos, pois uma leitura anterior serve como subsídio para leituras posteriores.

Para a compreensão textual, são acessados conhecimentos que possibilitam que o sujeito relacione, faça inferências e levante hipóteses na tentativa de tornar coerente aquilo que é lido. Além do mais, quando o leitor é capaz de reconstruir o texto resumindo as proposições e recuperando o que foi significado, é possível afirmar que houve compreensão do texto. Essa é uma habilidade que está diretamente relacionada à capacidade de raciocínio e percepção humana.

Com hábito de ler, o sujeito fortalece sua intelectualidade, amplia e transforma suas ideias, além de adquirir autoconfiança quando debate um assunto. A forma como a leitura é desenvolvida pelo indivíduo influencia seu modo de pensar e agir. Os conhecimentos adquiridos durante os processos de aprendizagem, seja ela escolar (formal) ou não, dirá sua facilidade de expressão e comunicação.

Referências

BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997. Disponível em: http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm. Acesso em 20/15/2005.

BRANDÃO, M. L. B.. As Bases Fisiológicas do Comportamento. São Paulo: Atheneu, 1991.

CATANIA, A. C.. Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição. trad. Deisy das Graças de Souza *et al.* 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GARDNER, H.. Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUYTON, A.C. Tratado de Fisiologia Médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

KLEIMAN, A.. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. 8. ed. Campinas, S.P.: Pontes, 2002.

KOCH, I. G. V.. Desvendando os Segredos do Texto. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos Lingüísticos, Sociais e Cognitivos na Produção de Sentido. UFPE, 1998. Texto apresentado por ocasião do GELNE (mimeo).

SMITH, F.. Compreendendo a Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VAN DIJK, T.A. As Macroestruturas das Narrativas: Fundamentação Lógica e Cognitiva (mimeo).